

ESPAÇO CONFIGURADO, ESPAÇO NARRADO: O SERIDÓ POTIGUAR E A ESCRITA DA HISTÓRIA¹

Olívia Moraes de Medeiros Neta²

(De)marcando a narrativa

Este texto tem por objetivo pensar a produção do Seridó Potiguar a partir da historiografia. A escrita, neste caso, se constitui enquanto o espaço para análise. O corpus documental para a análise é constituído por um conjunto de obras que têm o Seridó³ como objeto de análise, sendo este composto por: “Homens de Outrora” (1941) e uma série de artigos publicados por Manoel Dantas no jornal “O Povo” no mês de dezembro de 1889,⁴ “Seridó” (1954) de José Augusto Bezerra de Medeiros, “Velhos Costumes do Meu Sertão” (1965) de Juvenal Lamartine de Faria e “Sertões do Seridó” (1980) de Oswaldo Lamartine de Faria. O corpo historiográfico produzido sobre e acerca do Seridó é indagado quanto a produção do espaço e neste sentido, questionamo-nos sobre a relação entre autor e escrita, as rostidades do Seridó em suas obras e a história do espaço que é escrito e significado. A historiografia como forma de linguagem não apenas representa o real, mas institui reais e, o Seridó nascera do encontro de poder e linguagem, onde se dá a produção imagética e textual da espacialização das relações de poder. As espacialidades são entendidas enquanto percepções espaciais que habitam o campo da linguagem e se relacionam diretamente com um campo de forças que as instituem.

Como o Seridó é um espaço escrito e subjetivado por Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal e Oswaldo Lamartine? esta é a questão que nos acompanha, porém, uma outra indagação se corporifica: que texto é dado ao Seridó e que espaço é escrito para este recorte? Assim, pensamos como Bachelard⁵ quando ressalta que nos mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido sendo esta a função do espaço que nele e por ele encontramos os fósseis de duração concretizados por longas permanências.

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “História Cultural”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Mestranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-Mail: <olivianeta@yahoo.com.br>.

³ Cf. IBGE. Resolução PR n. 51 de 31 de setembro de 1989. **Boletim de Serviço** n. 1736, p. 2: a microrregião do Seridó situa-se na porção centro-meridional do Rio Grande do Norte e, atualmente é representado pelos territórios de 17 municípios que são: Acari, Caicó, Carnaúba dos Dantas, Cruzeta, Currais Novos, Equador, Ipueira, Jardim de Piranhas, Jardim do Seridó, Ouro Branco, Parelhas, Santana do Seridó, São Fernando, São João do Sabugi, São José do Seridó, Serra Negra do Norte e Timbaúba dos Batistas.

⁴ Este conjunto de artigos que foi publicado por Manoel Dantas no Jornal “O Povo” em dezembro de 1889, se encontram publicados no livro DANTAS, Edgard. **Projeto de recuperação da Memória e produção intelectual de Manoel Dantas**. Mossoró: Fundação Vingt-Um Rosado. Volume 887, Abril de 1996. (Coleção Mossoroense, Série C), é por esta publicação que organizamos nossas referências.

⁵ BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Espaço narrado, espaço configurado

O Seridó situa-se na porção centro-meridional do Rio Grande do Norte, sendo espaço constituído historicamente e que hoje se acha dividido em duas microrregiões geográficas: o Seridó Ocidental e o Seridó Oriental, totalizando dezessete municípios. No Rio Grande do Norte, segundo Ione Moraes o termo Seridó tornou-se muito mais que a designação de um dado espaço, tornou-se referencial de uma identidade espacial com forte conteúdo histórico-cultural. Neste sentido, a região se configura a partir da evocação de uma certa personalidade, tecida no enredo de sua trajetória de formação, estruturação e reestruturação; a autora ainda destaca “[...] a configuração do Seridó como região deriva do processo de construção/reconstrução espacial implementada pela sociedade a partir das relações intra e extra-regionalmente estabelecidas”.⁶

Em um só texto José Augusto⁷ associa terra e homem e nos apresenta Manoel Dantas e o Seridó dizendo: “[...] a região em que nasceu Manoel Dantas [...], foi povoada, logo depois da guerra dos bárbaros que assolou os sertões potiguares, e os seus primitivos povoadores eram gente vinda de Pernambuco e Paraíba, para a instalação de fazendas de gado”. Em nota explicativa do livro “Homens de Outrora”, José Augusto ainda escreve: “Manoel Dantas foi uma das mais polimórficas inteligências do Rio Grande do Norte” sendo este homem poeta, *conteur*, historiador, advogado, jurista, pedagogo, político, jornalista.⁸

Manoel Dantas (1867-1924) bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Recife em 29 de novembro de 1890 e, segundo José Augusto “fez a sua formação acadêmica numa das fases mais interessantes da vida intelectual do Nordeste e mesmo do País” acrescentando que foi a época da transição da Monarquia para a República; do ponto de vista cultural, particularmente para o Nordeste, figurava a chamada “fase da Escola do Recife, em que pontificava Tobias Barreto”.⁹ A Faculdade de Direito do Recife constitui a elite intelectual e política quando o Seridó despontou na produção ctonocultora do Estado, esta forneceu parte dos saberes que sustentaram o discurso regionalista dessa elite, prefigurando o Seridó com os dispositivos cientificistas adquiridos com os estudos jurídicos; esta faculdade que formava Manoel Dantas expressava, nas Províncias do Norte, uma certa vanguarda das idéias progressistas e teorias políticas correntes no Império.¹⁰

O evolucionismo fomentava o debate à época dos acadêmicos seridoenses – Manoel Dantas, Janúncio da Nóbrega, José Augusto – assim como o positivismo, o naturalismo e o republicanismo na Faculdade de Direito do Recife que abrigava a “Geração de 1870”, cujas figuras de destaque eram Sílvio Romero, Tobias Barreto que asseguravam um debate em

⁶ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Seridó norte-rio-grandense: uma geografia da resistência**. Caicó: Edição do Autor, 2005. p.45-46.

⁷ MEDEIROS, José Augusto Bezerra de. **Seridó**. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1980. p. 13.

⁸ DANTAS, Manoel. **Homens de Outrora**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1941. p. 141.

⁹ MEDEIROS, José Augusto Bezerra de. **Seridó**. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1980, p. 145.

¹⁰ MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. A Penúltima versão do Seridó – Uma história do regionalismo seridoense. Natal: Ed Sebo Vermelho, 2005. p. 137.

torno da cultura e da sociedade que assumiam feições laicas de análise, sendo o discurso infenso as categorias teológicas e metafísicas, e aberto aos procedimentos argumentativos do rigor racionalista.

Manoel Dantas escreveu uma série de quatro artigos, privilegiando a vida sertaneja para o jornal “O Povo” entre os meses de novembro e dezembro de 1889; nestes artigos propõe-se a discutir sobre o sertanejo e sua vida, pensando presente e futuro, os prejuízos, a instrução pública e o trabalho e indústria, nestes o sertanejo emerge como problema, pois seu *modus vivendi* transformou-se em um obstáculo ao desenvolvimento regional, pois, são os elementos da vida sertaneja que concorrem para produzir a estagnação em que este homem dos sertões se encontra enredado.¹¹ Sob a ótica do “Presente e futuro” Manoel Dantas começa a série de artigos, onde destaca o estudo dos sertões pela “necessidade de encarar uma questão, que, se hoje é um problema, será amanhã uma realidade” e conhecer os sertões é também conhecer a nação, para tais considerações Manoel Dantas escreve:

É um fato observado, e a ciência o demonstra, que a vida de um povo, assim como a do indivíduo, desenvolve-se internamente, isto é, de acordo com as suas tendências naturais. Sendo assim, e sendo um axioma estabelecido por **DARWIN** a adaptabilidade do indivíduo e da sociedade ao meio em que vivem, devemos procurar dentro das manifestações da vida sertaneja os princípios do seu desenvolvimento, a força motriz de sua marcha.¹²

Com este trecho ficam expressas suas categorias de análises, ressonâncias dos estudos na Faculdade de Direito de Recife. Como explicação para a marcha do sertanejo, Manoel Dantas atribui o fato de não se educar o povo por meio de um ensino proveitoso; assim deseja que “os sertanejos presos ao berço de seu nascimento pelos laços do trabalho, que não será um labor improfícuo, e sim o aproveitamento das forças da natureza de acordo com os princípios da indústria série e progressiva”.¹³ A vida do sertanejo é enrugada por prejuízos, segundo Manoel Dantas estes prejuízos são “nota dissonante na harmonia do seu modo de viver”.¹⁴ Como contra-ponto aos prejuízos há a civilidade que se veste de instrução pois nesta “reside primeiro o bem estar de um povo”.¹⁵ O sertanejo é pensado e escriturado por Manoel Dantas como esperançoso, como amante da instrução, como homem que “quanto mais difícil se torna a crise, mais forte e mais ampla se torna a iniciativa sertaneja”.¹⁶ Na obra “Homens de Outrora”, publicação de um conjunto de artigos e trabalhos de Manoel Dantas, composta por cinco ensaios, o primeiro ensaio é “Homens de Outrora”, editado em onze capítulos, o segundo ensaio é “Tomaz de Araújo” que foi o discurso proferido por Manoel Dantas em 1924, o terceiro ensaio é sobre o Padre Miguelinho e o quarto ensaio é

¹¹ Idem, p. 145.

¹² DANTAS, Edgard. **Projeto de recuperação da Memória e produção intelectual de Manoel Dantas**. Mossoró: Fundação Vingt-um Rosado. Volume 887, Abril de 1996. (Coleção Mossoroense, Série C). p. 3-4.

¹³ Idem, p. 7.

¹⁴ Idem, p. 8.

¹⁵ Idem, p. 11.

¹⁶ Idem, p. 19.

“Denominação dos Municípios”, conferência realizada em vinte e sete de agosto de 1922, o último ensaio “O Problema das secas” é composto por um conjunto de artigos publicados no jornal “A República” em 1901.

Percorrer as zonas dos sertões, é isto que Manoel Dantas faz em cada ensaio, que problematiza em cada reflexão, os sertões por ele percorridos são os do Seridó “onde os costumes ainda se ressentem do culto do passado, vemos a cada passo lembranças de homens antigos que já se foram, mas permanecem na memória das gerações novas que os não esquecem”¹⁷ e assim conclui que a tradição tem perpetuado os tipos sertanejos, muitos dos quais dignos de estudo, pela sua originalidade. Dos homens à terra; agora Manoel Dantas pensa o povoamento do Rio Grande do Norte e destaca o Seridó “situado na grande bacia, que, em remotos períodos geológicos, as águas cavaram, escorrendo, em torrentes impetuosas, do planalto da Borborema até encontrarem as várzeas do rio Piranhas. Este núcleo de população que o último a se formar, porque, até o fim da guerra dos índios, no século XVII [...] o Seridó não era conhecido”.¹⁸

Tece para o Seridó uma configuração histórica de seu espaço e para pontuar a análise deste escolhe a face das secas, é um problema árido, de luz e calor, de corpos esqueléticos e explicações cientificistas, pois “na solução do problema das secas a indagação que primeiro se nos apresenta ao espírito é a referente à origem do flagelo, porque, conhecida esta, fácil será tratar dos meios de preveni-la”.¹⁹ A seca como rosto subjetivado por Manoel Dantas para o recorte espacial do Seridó é determinada pela influência de uma corrente aérea que varre os vapores úmidos acumulados na atmosfera, impedindo a condensação, que se derrama em chuva “benfazeza”.²⁰ Lendo o Seridó, por condições naturais Manoel Dantas cientificamente constrói uma explicação e uma possibilidade de homem e natureza harmonizarem-se pelo uso da técnica, pois se seca é uma carência de águas pluviais a solução está em conservar as águas caídas em anos de inverno, a seca deve ser vencida por meios racionais de resistência, com a construção de açudes e a perfuração de poços, assim a técnica vence a natureza, ou na pior das hipóteses a rende.

O homem e a natureza não estão um dissociado do outro, como destaca Simon Schama (1993), pois, uma árvore, uma pedra ou rio não são apenas árvore, pedra e rio, a natureza não é algo anterior à cultura e independente da história de cada povo e em cada um desses elementos estão depositados séculos de memória, a paisagem transporta cargas de histórias. O Seridó escriturado como paisagem seca é decorrente da composição que os sujeitos têm da natureza, esta comporta lembranças, mitos e significados complexos, muito mais elaborada é então nossa contemplação da paisagem que antes “[...] de poder ser um

¹⁷ Idem, p. 5.

¹⁸ Idem, p. 39-40.

¹⁹ Idem, p. 113.

²⁰ Idem, p. 114.

repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas”.²¹

No entrecruzar de palavras, de escritas sobre o Seridó, seus autores são parte de uma outra rede, a familiar, a genealógica; assim, entre os fios que tecem o Seridó na historiografia, tomando por análise os escritos de Manoel Dantas, José Augusto e Juvenal e Oswaldo Lamartine percebemos elos genealógicos que fecham estes autores em um corpo familiar e por este e a partir deste escrevem um Seridó que sendo mais que um estudo avulso é estudo enredado a árvore genealógica, é paisagem familiar que também se fecha nas obras de tais autores.

Tio, cunhado, pai e filho se enredam na escrita do espaço para o Seridó, estes subjetivam e significam mais que o vivido, mas, suas experiências, as suas texturas familiares; cada um destes autores não está apenas em suas publicações, perpassam estas e adentram os escritos de seus parentes.

A escrita que tece o Seridó é uma escrita de família, e é assim familiar para cada um dos autores que trocam dedicatórias e referências. A rede familiar está na rede da historiografia, o que (de)marcam um ser e estar, um lugar social da historiografia sobre o Seridó para seus autores. O Seridó é uma rede de pertencimento do lugar e da família.

Compondo esta árvore genealógica está José Augusto Bezerra de Medeiros, sobrinho de Manoel Dantas e o organizador da obra, póstuma, “Homens de Outrora”. Este homem escreve capítulos de uma história familiar e também apresenta sua locução discursiva sobre o Seridó, particularmente em nossa análise destacamos sua obra “Seridó”. Em tal obra José Augusto faz um recorte espacial emergir a partir de explicações históricas, econômicas, políticas; seu Seridó é escrito e até prescrito na obra “Seridó” que ele significa em espaço e oferece-o a leitura, o escreve para torná-lo vivo, apenas o seu Seridó aparece em sua obra para que deste emerja outro, pois, “[...] o próprio ato de identificar (para não dizer fotografar) o local pressupõe nossa presença e, conosco, toda a pesada bagagem cultural que carregamos”.²²

“A Juvenal Lamartine, o mais profundo conhecedor e o mais vigilante defensor dos problemas que interessam ao Seridó [...] dedico estas páginas em que reviso um pouco das tradições da terra estremecida e procuro mostrar as suas possibilidades de progresso”; com estas palavras José Augusto inicia seu livro “Seridó” e constitui o laço familiar junto ao tecer do espaço. Como defensor e arquiteto das possibilidades de “progresso” do Seridó José Augusto escreve sua dedicatória, esboçando a relação homem e espaço.

Para os historiadores do espaço a arquitetura dos sujeitos, suas memórias e suas considerações acerca do espaço são “discursos sobre” que produzem, que pela locução

²¹ SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das letras, 1996. p. 17.

²² Idem, p. 17.

constroem relatos de espaços. José Augusto Bezerra de Medeiros (22/09/1884 – 18/05/1971) nascido na atual cidade de Caicó-RN começou sua carreira profissional como professor de História Geral no Atheneu Norte-rio-grandense, atuando paralelamente como advogado, pois se bacharelou em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito do Recife em 1º de dezembro de 1903; foi Juiz de Direito de Caicó-RN entre março de 1912 e abril de 1913, período em que começa a despontar como liderança política, foi parlamentar e no período entre 1915 e 1923 foi membro da Comissão Permanente de Instrução Pública e das Comissões Especiais de Código Civil, Legislação Social e Obras Contra as secas; talvez daí decorra sua associação entre história e natureza ao enunciar o Seridó quando escreve o objetivo da obra: “exame dos traços, de sua economia”.²³

O Seridó logo enunciado por José Augusto como um “vasto trecho do território do Rio Grande do Norte, atravessado e cortado pelo rio do mesmo nome e seus afluentes é caracterizado economicamente por uma natureza de produção: o algodão mocó, de fibra longa, sedosa e resistente”.²⁴ O espaço descrito é uma paisagem, é um espaço naturalizado e marcado pelo algodão, rosto significativo para o espaço.

Buscando os caminhos do progresso para o Seridó, José Augusto vai ser o locutor de um problema: o das secas, pois só resolvendo este problema teria o Seridó possibilidade de “avanço”. Um espaço tórrido, seco e duro não comportaria o avanço científico, não seria palco de um futuro, breve, promissor, assim, José Augusto destaca: “O Seridó precisa, para ter assegurado o seu futuro, de uma ampla política que comece pelo combate às secas, pois a primeira coisa a assinalar é que a região seridoense é toda ela atingida pelas longas estiagens periódicas”.²⁵ Sanar o flagelo das secas era dar a terra e ao homem as possibilidades de nela e dela viver, de ser parte da terra e dela extrair vida; o Seridó seco era a morte, mas, a paisagem profícua para enunciar o discurso da necessidade. A vida estaria na terra e esta terra quer ter seiva, quer fazer escoar benesses e não lamentações.

A terra como mãe, deve acolher e fazer seus filhos dela viver, para tal o seridoense, segundo José Augusto Bezerra de Medeiros,²⁶ deve ser preparado “para extrair da terra todas as utilidades que ela encerra e se oriente no sentido de um aproveitamento cada vez mais racional de suas riquezas”. O homem abriria fogo, declararia guerra à natureza. Homem e natureza em “Seridó” estão em constante embate, um é complemento para o outro, mas é uma convivência árdua, pedregosa, inclemente; o homem tem que tornar-se forte, imune às investidas da sólida natureza; José Augusto enuncia: “teremos de nos voltar

²³ MEDEIROS, José Augusto Bezerra de. **Seridó**. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1980. p. 13.

²⁴ Idem, p. 15.

²⁵ Idem, p. 19.

²⁶ Idem, p. 20.

para os problemas sanitários dando aos habitantes daquela zona o fortalecimento físico de que têm necessidade para enfrentar a rude luta com a natureza, que é inclemente”.²⁷

Ainda dialogando com a história, José Augusto pensa a colonização do Seridó e, vai configurando o espaço ao dizer “Na zona do Seridó [...] o movimento povoador decorreu da necessidade econômica de encontrar lugar adequado à localização de fazendas de criação de gado”.²⁸ A natureza novamente aparece como personagem na trama histórica de “Seridó”, ela é bem e mal, solução e praga, ela é “sábia e providente, e, do mesmo passo que oferece o mal, que reside na falta de chuvas, apresenta o remédio, que está na existência de alguns vegetais que vivem, a despeito da ausência de precipitações pluviais e que servem de forragem para a criação, quando desaparecem os outros recursos”.²⁹

O Seridó escriturado por José Augusto é (de)marcado pela natureza que lhe dá uma rostidade de espaço de luta e de “fibra”, assim como o algodão mocó, de fibra longa e sedosa. A luta homem/natureza fecha o Seridó como espacialidade particular, aquela que é liga para o homem e o lugar; José Augusto escreve “Entre as regiões que formam o Rio Grande do Norte, uma há de traços bem definidos e característicos: o Seridó”,³⁰ os traços definem o Seridó, dão fisionomia ao seu rosto que tem nele ferrado a significação da natureza de sua produção, expressa pelo algodão mocó, de fibra longa e sedosa, mas o Seridó é subjetivado e significado como: “Região descalvada, montanhosa, erizada de pedregulhos e espinhos, sujeita ao flagelo contínuo das secas, convida o homem para o labor contínuo, para a luta áspera com os elementos da natureza e não lhe permite lazeres para a contemplação das coisas belas, de resto muito raras naquelas paragens”.³¹

José Augusto Bezerra de Medeiros é mais que um seridoense escrevendo sobre o Seridó, é um homem que, como muitos outros procura possibilidades de caminhos para enfrentar, conviver ou apenas transformar a natureza. A natureza é a marca do Seridó, por ela o homem deve aprender a viver neste espaço, compreender que das secas advém formas de viver particulares, de flagelo vem a bonança; a natureza marca, mas é motivo para homem unir-se a terra e com ela conviver. A história do Seridó para José Augusto é a história da relação homem e natureza, é a história da configuração do espaço a partir da prática da apropriação dos relatos dos espaços, da constituição de mapas e percursos.

A viagem por nós realizada ao Seridó escrito e prescrito por José Augusto vai terminando com uma consideração: terra e homem, natureza e técnica estão associados a um Seridó que tem um rosto enrugado pela caatinga cinzenta, pelo cristalino reluzente, pela terra rachada, pela superfície sedenta, enfim, por locuções discursivas que projetam a partir da natureza paisagens, memórias, histórias em que o homem deve estar sempre pronto para

²⁷ Idem, p. 20.

²⁸ Idem, p. 24.

²⁹ Idem, p. 26.

³⁰ Idem, p. 134.

³¹ Idem, p. 145.

agir, a saber vencer desafios e do espaço da promessa molda-lo ao espaço da produção. O Seridó é um desafio, é uma textura marcada por estiagens e a enunciação mais recorrente ao longo da obra “Seridó” é esta: ajuda para o homem vencer a natureza, burlar suas barreiras e fazer da terra plantio de produção do algodão e do homem de fibras longas e sedosas, pois, como destaca José Augusto,

A zona do Seridó [...] é toda ela sujeita a longas estiagens, às famosas secas nordestinas, apresentando do ponto de vista da natureza, um aspecto agressivo, cujas folhas verdes, exceção feita do juazeiro, desaparecem e caem com a ausência das chuvas. As terras são ferozes e uma vez caindo as chuvas do céu os campos se cobrem de folhas verdes, de pastagens magníficas e de lavouras excelentes.³²

O Seridó para o autor é um desafio, mas, com o gotejar das chuvas aveluda-se de um verde prazer de habitar, respirar, dizer Seridó.

Ainda fitando as tessituras do Seridó, como fiação familiar e de uma configuração de espaços buscamos Juvenal e Oswaldo Lamartine de Faria, pai e filho que tecem seus Seridós a partir da idéia de sertão, que vão dando forma ao espaço pela interface da memória e da história.

O sertão é um texto e o Seridó é a narrativa deste..., é uma produção destes relatos de espaços. Aqui buscamos as narrativas, os textos escritos por Juvenal e Oswaldo Lamartine de Faria para o Seridó Potiguar, um espaço configurado com vestes de “sertão” por pai e filho. Objetivamos aqui delinear o corpo de saberes que foram elaborados por Juvenal e Oswaldo Lamartine para e sobre o Seridó e seus “sertões” que, para esses escritores é uma categoria usada recorrentemente para nomear as terras que compõem o espaço do Seridó. Assim, “sertão” pode ser tomado como metáfora do Seridó. Aqui, não buscamos descobrir um autor originário, aquele que primeiro enunciou uma “verdade”, mas, sim buscamos entender as condições que permitiram a afirmação de uma dizibilidade³³ – o Seridó.

A construção do Seridó nas obras de Juvenal e Oswaldo Lamartine têm na idéia de sertão a rostidade, a significação que vem enunciar e configurar o espaço seridoense que é tecido a partir dos eixos de significância e de subjetividade, onde a significância não existe sem um muro branco sobre o qual inscreve seus signos e suas redundâncias; a subjetivação não existe sem um buraco negro onde aloja sua consciência, sua paixão, suas redundâncias.³⁴ A identificação entre sertão e Seridó é uma enunciação reforçada desde o século XIX em crônicas, artigos, diversos enunciados; assim, em torno de um espaço caracterizado pela geografia foi se criando e aprofundando uma significação imaginária denominada Seridó, gerado por um discurso que institucionalizou a nomeação de um novo recorte espacial como

³² Idem, p. 164.

³³ Cf. FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?**. 4 ed. Tradução António Fernando Cascais; Edmundo Cordeiro. Portugal: Veja/Passagens, 1992.

³⁴ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Ano Zero – Rostidade. In: _____. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia** – Volume V. São Paulo: Ed 34, 1997, p. 31.

ícone do sertão; esse discurso historicamente vem para recobrir e para identificar um espaço e uma população como seridoenses. Cria-se pelas narrativas, um rosto, que é um sistema muro branco-buraco negro que define zonas de frequência ou de probabilidade, delimitam um campo que neutraliza antecipadamente as expressões e conexões às significações conformes.³⁵

A identificação do Seridó ao sertão marca significações e subjetividades para o espaço, é construção simbólica, historicamente concretizada que deixa transparecer o jogo de interesses (de poder) subjacente a elas, onde “forças telúricas surgiam de uma paisagem onde a indigência da natureza esculpia homens à semelhança de pedras sem porosidade”.³⁶

É precisamente nesta luta pelo direito de nomear a realidade, pela legitimidade de fazer existir e pela virtude da nomeação que está empenhada a escrita de Juvenal e Oswaldo Lamartine, que buscam nomear a realidade pela mimese que dela fazem. Para construírem os relatos do espaço seridoense, Juvenal e Oswaldo Lamartine apropriam-se simbolicamente dos acontecimentos do território concreto dos “sertões do Seridó”; é uma apropriação que sabe que é preciso aprisionar a dimensão inesgotável do espaço que experimentam através da história e da memória, pois, a escrita da história não é uma produção exterior àquele que fala, que pensa ou que sente, é a interface de uma escrita de si, escrita da história.³⁷

Uma relação concreta dos autores e o espaço como forma de uma existência e seus destinos é que os conduz a um redespertar para a história. Instala-se nesse (re)encontro simbólico, um processo de urdidura dos laços mais profundos dos autores com o Seridó porque o ambiente material também está impregnado de passado e de acontecimentos significativos; o que parece que guarda o sertão seridoense como herança de suas experiências diretas com o meio ambiente, e as múltiplas imagens sobre esse mundo já então interiorizado numa dimensão mental; assim, a forma do significante na linguagem, suas próprias unidades continuariam indeterminadas se o eventual ouvinte não guiasse suas escolhas pelo rosto daquele que fala.³⁸

Nas teias dos discursos, das identidades e identificações recorrentes o Seridó, região localizada no sul do Estado do Rio Grande do Norte, adentrando a porção norte do Estado da Paraíba, é escrito e prescrito. Advogados, literatos, religiosos, educadores, historiadores, eruditos ou não, produzem um corpo escrito para o Seridó, “o inventam” e isto nos instiga a visibilizar a literatura regional expressa em obras como “Velhos costumes do meu sertão”, de Juvenal Lamartine e “Sertões do Seridó”, de Oswaldo Lamartine, onde pai e filho no

³⁵ Idem, p. 32.

³⁶ MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. A Penúltima versão do Seridó – Uma história do regionalismo seridoense. Natal: Ed Sebo Vermelho, 2005, p. 132.

³⁷ GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

³⁸ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Ano Zero – Rostidade. In: _____. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia** – Volume V. São Paulo: Ed 34, 1997, p. 32.

tecido da história e da memória escrevem poéticas de uma saudade, noções de natureza, espaço e temporalidade. Assim na dimensão discursiva de tais obras enfatizamos como o ambiente é dado, objetivado fora dos sujeitos e narrado pelos autores como recortes da saudade, do idílico.

O Seridó como um corpo escrito, visível e dizível é uma produção historiográfica de sujeitos que, como Juvenal e Oswaldo Lamartine pintam formas e cores para um espaço, dando-o vida.

Juvenal Lamartine de Faria nascido em Serra Negra do Norte - RN, aos nove dias do mês de agosto de 1874, era filho de Clementino Medeiros de Faria e Paulina U. Monteiro, provenientes das elites política e econômica do Seridó. Iniciou seus estudos de primeiras letras com seu pai, para depois, em 1882, aos oito anos de idade, freqüentar a “sala de aula” do mestre-escola Antônio Carlos de Medeiros. Em 1890, Juvenal Lamartine iniciou o curso secundário em Caicó - RN, na “Escola de Gramática Latina”, fundada possivelmente em 1803 pelo Padre Francisco de Brito Guerra. Freqüentando apenas por um ano o curso secundário nessa Escola de Gramática Latina, Juvenal Lamartine estudou Latim, Português, Francês, Lógica, Retórica, Gramática e Literatura dos clássicos da língua latina. Em 1891, Juvenal Lamartine mudou-se para Natal, objetivando prosseguir o grau secundário no Atheneu Norte-Riograndense.

Juvenal Lamartine ingressou no Curso de Ciências Jurídicas e Sociais da Faculdade de Direito do Recife - PE, tradicionalmente dirigido para a formação de uma elite dirigente do país. Lamartine escreveu artigos para jornais norte-rio-grandenses, a exemplo do Jornal “A Republica” e “O Nortista” e para a então Revista da Faculdade de Direito. Seus artigos versavam especialmente sobre economia, riquezas minerais e vida sertaneja. Sobre essas e outras produções intelectuais de Juvenal Lamartine, Luís da câmara Cascudo fez o seguinte depoimento:

Lamartine desenhava com palavras justas o sertão de todas as épocas. O sertão de estio seco. O sertão do começo do inverno. O sertão da labuta pastoril, digamos o termo ressuscitando as gerações de rastejadores, de vaqueiros de tradição indômita, de pegadores de reses fugitivas, dessas festas também culinárias enfim esses ângulos que só podiam viver diante das testemunhas. Isto era dito com naturalidade, com aquela memória fabulosa de recordar os homens, as datas e às vezes os pormenores da própria indumentária.³⁹

Concluído o Curso de Ciências Jurídicas e Sociais da Faculdade de Direito do Recife - PE em dezembro de 1897, Juvenal Lamartine foi escolhido para ser o orador de sua turma, certamente em face de sua condição de aluno laureado, *status* que lhe permitiu ser agraciado com uma bolsa de estudo para fazer pós-graduação em uma universidade

³⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. O causeur. In: **Juvenal Lamartine de Faria** (1874- 1956). Natal: Fundação José Augusto, 1994, p. 17.

francesa. Optou, porém, por voltar para o Rio Grande do Norte e seguir a carreira de jurista, de intelectual, de homem público, por excelência. Retornando para seu estado natal, em 1897, Lamartine foi professor de Geografia e Vice-Diretor do Atheneu Norte-Riograndense (1898), Juiz de Direito (1893-1903), Vice-Governador do Estado (1904-1906), Deputado Federal (1906), Senador da República (1927) e Governador do Rio Grande do Norte (1928-1930). Republicano e partidário do federalismo, Lamartine no Congresso Nacional foi um convicto defensor do direito político, da mulher votar e ser votada e, ainda, um dos porta-vozes da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, presidida pela bióloga Berta Maria Júlia Lutz.⁴⁰

“Velhos Costumes do Meu Sertão”,⁴¹ de Juvenal Lamartine resulta de um conjunto de artigos que foram publicados na imprensa da cidade de Natal - RN, no Jornal “A Tribuna do Norte” no último trimestre de 1954. Juvenal Lamartine escreve suas memórias, torna escrito um mundo vivido e sentido em fins do século XIX e princípio do século XX, um mundo rural, do idílico, onde as vivências compõem o cenário para a escrita que é tecida a partir do ato de rememorar ícones e ações da terra e do homem do sertão seridoense. Juvenal Lamartine escreve sobre os currais, as casas-grande, indumentárias, alimentação, escola, instrumentos de trabalho, relações de parentesco, hospitalidade sertaneja, desobrigas, festas de casamento, festas religiosas e populares, crendices e superstições, conversas no copiar, vaqueiros e vaquejadas, cangaceiros, morte e sepultamento; enfim, a escrita do sertão de Juvenal Lamartine é a própria escrita de si, seu corpo é o corpo da escrita, seu espaço é o espaço da escrita, sua narrativa é a voz do sertanejo que narrando os velhos costumes de seu sertão compõe lugares de memória, lugares de uma memória engessada por identificações quanto ao ser cultural preso as histórias do gado, do gentil, do senhor da fazenda, da devoção cristã, da terra dura que produz homens fortes, do ser e estar num espaço que se fecha em si mesmo, seja pela poética, pela memória sempre recorrida, seja por uma produção de uma cartografia sentimental dos desejos – processo de produção universos psicossociais.⁴²

Sobre Oswaldo Lamartine de Faria diz a escritora Rachel de Queiroz: “Acho que no Brasil, ninguém entende mais do sertão e do Nordeste do que Oswaldo”. No seu romance “Memorial de Maria Moura”, agradece a ele na página das dedicatórias: “A inestimável ajuda de Oswaldo Lamartine de Faria”, assim a autoria de Oswaldo Lamartine enquanto sertanejo e seridoense afeito ao calor, a bravura, a sabedoria de uma terra desafiadora e memorialista, começa a ser escrita, a ser legitimada.

⁴⁰ Idem, p. 17.

⁴¹ FÁRIA, Juvenal Lamartine de. **Velhos costumes do meu sertão**. Natal: Fundação José Augusto, 1965.

⁴² O desejo, nesta concepção, consiste no movimento de afetos e de simulação desses afetos em certas máscaras, movimento gerado no encontro dos corpos. Cf. ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989. p. 32.

Oswaldo Lamartine é um reconhecido pesquisador das coisas do Sertão, principalmente as do sertão do Seridó, no Rio Grande do Norte, sobre as quais já escreveu diversos livros e um importante dicionário – o Vocabulário do Criatório Norte-Rio-Grandense, em co-autoria com Guilherme de Azevedo. Aqui nos reservamos a olhares a obra “Sertões do Seridó” que apresenta significações ao espaço seridoense, ao passo que escreve sobre o Seridó o escreve enquanto um recorte memorialístico, um fôlego de sua própria vida, de suas experiências e significações. Aqui destacamos a escrita de uma poética espacial para os limites, para as identificações do Seridó:

Não esqueço o morrer do dia com aboio de vaqueiro juntando gado. O grito da mãe-da-lua que os grandes trágicos nunca ouviram. A sombra (refrigério) do juazeiro que é o precursor do ar condicionado. Mas a sombra do trapiá ainda é mais fresca. Rapadura do Cariri. Coalhada escorrida. Queijo de coalho de leite de cabra, daqueles que rangem os dentes. Paçoca com banana de leite; música e ritmo de pilão socando paçoca. O canto da juriti que muitos tristes não ouviram. As serras azulescendo à tardinha. O chegar da boca da noite. A brisa dos alísio vinda de um quebrar de serra. O estourar da babugem. O derramar de tinta no céu na pegada do inverno. O cururu de goteira, inchado como alguns orgulhosos aqui da praça. O banho de goteira. A réstia de brecha de telha (hoje há clarabóias). O café do cigarro, da tardinha; e o de duas-mãos, da madrugada. O chamamento pro curral feito com um búzio. O espirrar do boi no mourão da porteira. O cacho de espumas na boca dos bezerros apoiados [...].⁴³

A obra “Sertões do Seridó” (1980) de Oswaldo Lamartine é constituída de um conjunto de ensaios publicados ao longo das décadas de 60 e 70 do século XX, que só em 1980 são reunidos sob a publicação do Centro Gráfico do Senado Federal. Assim, pensando pelos sertões o Seridó, Oswaldo Lamartine constrói uma face física e cultural para o Seridó e o seridoense. É o Seridó que aparece em narrativas quanto a gestação como espaço pela colonização, pelo caminho feito pelo gado, pelos costumes que se imbricavam e iam dando forma, cor e sentimento para a cartografia física e sentimental.

Narrar o Seridó pela face da luta, do desbravamento de uma terra “virgem” onde “os brancos que lá chegaram, rompendo pelos caminhos das águas [...] A marcha é de se imaginar, era *empalhada* a cada légua: carnes rasgadas pelas flechas do *caboclo-brabo* ou o espinho da sarjadeira, da jurema, da macambira, da quixabeira, do juazeiro, do cardeiro ou do xiquexique [...]”.⁴⁴ A natureza, o tempo e o espaço eram tessituras de uma condição, a condição de ser sertanejo, de viver nos sertões do Seridó e ser produto e produtor de identificações em que a história é a temporalização do espaço, é o produto de uma forma de ver, sentir e narrar os sentimentos de estar no lugar, de respirá-lo e dizê-lo; assim, Oswaldo Lamartine em a “Conservação de Alimentos nos sertões do Seridó” destaca: “A natureza foi, é de se imaginar, quem apontou ao homem o jeito de fazer durar mais, sem se estragar, as comidas de que carecia”.⁴⁵

⁴³ NEGREIROS, Sanderson. O sertão segundo Oswaldo Lamartine. *Tribuna do Norte*, Natal, 29 set. 2001.

⁴⁴ FARIA, Oswaldo Lamartine de. *Sertões do Seridó*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980, p. 53.

⁴⁵ Idem, p. 60.

Dentro de uma paisagem de pesquisa que busca compreender como são tecidas as noções de Seridó, a partir da historiografia buscamos identificações capazes de tipografar o lugar e tornar dizível a cartografia e a geografia sentimental. As cartografias como um desenho que se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem compõem e desmancha mundos, significações a partir da tarefa do cartógrafo que é dar língua para afetos que pedem passagem e acha-se mergulhados nas intensidades do tempo, assim a produção das cartografias dar-se na medida em que os afetos vão sendo visitados ou revisitados e que um território foi se compondo para eles.

A narrativa é a forma através da qual constroem a própria noção de temporalidade e, portanto, articulam o próprio passado e seus eventos, assim, o Seridó narrado como sertão por Juvenal e Oswaldo Lamartine constitui-se como narrativa telúrica que envolve seus relatos de espaço por um sentimento de pertença e de apresentação mítica.⁴⁶

Espaço... História

O Seridó é um texto narrado a partir do sertão, que é árido, cinzento, de terra rachada e sol escaldante, que assim vai se constituir como o espaço da promessa, como um rosto que é uma superfície com traços, linhas, rugas, é um mapa, mesmo se aplicado sobre um volume, envolvendo-o e mesmo se cercado e margeando cavidades que não existem mais se não como buracos; a rostidade sertaneja que significa o Seridó é a tessitura do significante no muro branco e da subjetividade no buraco negro.⁴⁷

Historiografia como escrita da história é também produção, neste caso a produção de espaços, espaços que são tecidos a cada palavra, a cada conjunto de frases, orações, períodos, espaços construídos pela máquina discursiva dos autores que com suas subjetividade e significações moldam rostidades para o Seridó. O conhecimento histórico evidencia a importância de uma reflexão ontológica que oriente o estudo do passado; definido como “ciência dos homens no tempo”, constitui-se como um saber sobre a duração e, principalmente, sobre a constante mudança. Enfim, a pergunta a ser realizada pelo historiador dos espaços pauta-se pelo desejo de compreender como se configura os espaços para e pelos homens em diferentes tempos e espaços. Tal indagação dirige-se da maneira de como a escrita constitui-se como prática histórica diferente, em tempo e lugares variados. Aqui a história dos espaços passa pela escrita da história, pelos lugares sociais dos autores, por atribuições de sentidos, visto que, constitui-se o Seridó como espaço configurado pela historiografia.

⁴⁶ Paul Ricoeur, que analisava a importância da narrativa para a construção da noção de tempo, para concretizar a própria temporalidade. Cf. RICOEUR, Paul, **Tempo e Narrativa**, 3 tomos, Campinas: Papirus, 1997.

⁴⁷ Cf. DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Ano Zero – Rostidade. In: _____. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia** – Volume V. São Paulo: Ed 34, 1997. p. 32-35 quando discutem a produção dos rostos a partir da máquina abstrata.

Assim, fazer história dos espaços é perceber que este

[...] não preexiste a uma sociedade que o encarna. É através das práticas que estes recortes permanecem ou mudam de identidade, que dão lugar à diferença; é neles que as totalidades se fracionam, que as práticas não se mostram desde sempre comprometidas com o todo, sendo este todo uma invenção a partir destes fragmentos, no qual o heterogêneo e o descontínuo aparecem como homogêneo e contínuo, em que o espaço é um quadro definido por algumas pinceladas.⁴⁸

A história dos espaços é uma história sensível, tem subjetividade e significa a partir dos lugares sociais dos que produzem as locuções discursivas. O Seridó construído por Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal e Oswaldo Lamartine é uma escrita de si para um espaço, é uma autoria que do espaço interiorizado escritura seus rostos, (de)marca sua feições, faz viver pela escrita o produto do seu eu que é (re)territorializado nos seus relatos de espaço. É... a escrita (de)marca espaços e a dos autores que aqui dialogamos corporifica o espaço do Seridó.

⁴⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. **A Invenção do Nordeste e outras Artes**. Recife: FJN, Ed Massangana; São Paulo: Cortez, 1999, p. 25.